

PENAFIEL (Cabeça Santa)

A freguesia de Cabeça Santa está localizada no concelho de Penafiel, distrito do Porto, e a igreja de São Salvador dista cerca de 14 km da sede de concelho. Sair de Penafiel pela estrada N106 e seguir por essa estrada durante cerca de 12 km. Virar à esquerda para a avenida Santa Mafalda e continuar pela avenida São Salvador durante 1,8 km até à praça Carlos Pereira Soares. A igreja encontra-se à direita.

O seu enquadramento é rural e isolado, encontrando-se implantada num terreno à face da estrada. Nas traseiras da igreja existe um bem preservado conjunto de sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, provavelmente da alta idade média.

A antiga freguesia de São Salvador da Gândara era da apresentação dos cônegos de São João Evangelistas do Porto, os chamados Loios, unida à referida congregação pelo papa Leão X no ano de 1519. Carvalho da Costa afirma que o rei D. João III ordenou que os romeiros que aí fossem em romaria à igreja passassem de graça na barca de Entre-os-Rios, de que os reis detinham a terça.

Igreja de Gândara / Igreja do Salvador de Cabeça Santa

A EDIFICAÇÃO DA IGREJA DE GÂNDARA é atribuída à rainha D. Mafalda. Porém, a sua identificação não é linear. Poderá tratar-se da rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, como da infanta D. Mafalda, filha de D. Sancho I, e neta de D. Afonso Henriques. Porém, a primeira morreu em 1157, em tempo muito anterior à edificação do templo românico do Divino Salvador. Já a Beata Mafalda de Portugal viveu na primeira metade do século XIII, foi fundadora do mosteiro cisterciense de Arouca e sua primeira abadessa.

De um modo geral, a historiografia da especialidade tem atribuído a edificação desta igreja ao segundo quartel do século XIII. Escavações recentes identificaram no adro da igreja um conjunto diversificado de sepulturas medievais e que incluem, pelo menos, sarcófagos e caixas pétreas com tampa monolítica e/ou cobertura composta, tipologias que se tornaram comuns entre os séculos XII e XIV. Encontram-se hoje no adro da igreja, a sul desta, três destes sarcófagos.

Há, contudo, testemunhos de tumulação anterior. Mário Barroca refere a existência de três sepulturas escavadas na rocha, em afloramento granítico, também no adro da igreja. Uma das sepulturas é individual, apresentando cabeceira trapezoidal e terminação arredondada junto aos pés. Pela sua dimensão poderia destinar-se a um adulto. Há duas geminadas, estando uma destas muito mutilada na sua metade superior, enquanto a outra mostra cabeceira em arco de ferradura ou ultrapassado.

Num primeiro momento, esta igreja foi dedicada a São Salvador e passou, no século XVIII, a ser conhecida como Cabeça Santa. O Pe. Carvalho da Costa, em 1706, ainda a designa como São Salvador "de Gandra", mas em 1767 o *Portugal Sacro-Profano* já a inclui como Cabeça Santa no seu catálogo alfabético. A relíquia aí existente, à qual eram atribuídos poderes milagrosos, fez este templo diferenciar-se dos demais da zona e alcançou a mudança de designação. A relíquia, um crânio guardado em relicário de prata, estava exposta em altar próprio, na nave da igreja. A fama de milagreira de que a dita cabeça gozava advinha-lhe de ser intercessora de várias doenças e das mordidas de cães raivosos. João de Barros, na *Geographia d'Entre Douro e Minho e Tras-os-Montes*, não faz qualquer referência a esta igreja, mas assinala que, em Constantim (Vila Real), havia uma cabeça santa com esta mesma propriedade, "que milagrosamente aproveita aos mordidos dos caens danados". Jorge Cardoso, no *Agiolégio Lusitano*, obra editada em 1666, regista 37 cabeças santas veneradas em Portugal, no século XVII.

Nas Inquirições de 1258, a igreja ainda é designada de São Salvador da Gândara e o rei não era patrono. É também afirmado que toda a freguesia jazia no couto de *Valentia*. Nas Inquirições de 1288, realizadas no reinado de D. Dinis, é declarado que na freguesia de São Salvador de Gândara não há casas de cavaleiros nem honras.

Pelo Catálogo das igrejas, mosteiros e comendas, ordenado por D. Dinis entre 1320 e 1321, sabemos que a



*Perspetiva geral da igreja.
Alçados oeste e sul*

*Sepulturas antropomórficas escavadas na rocha e perspetiva geral
da igreja a partir de sudeste*

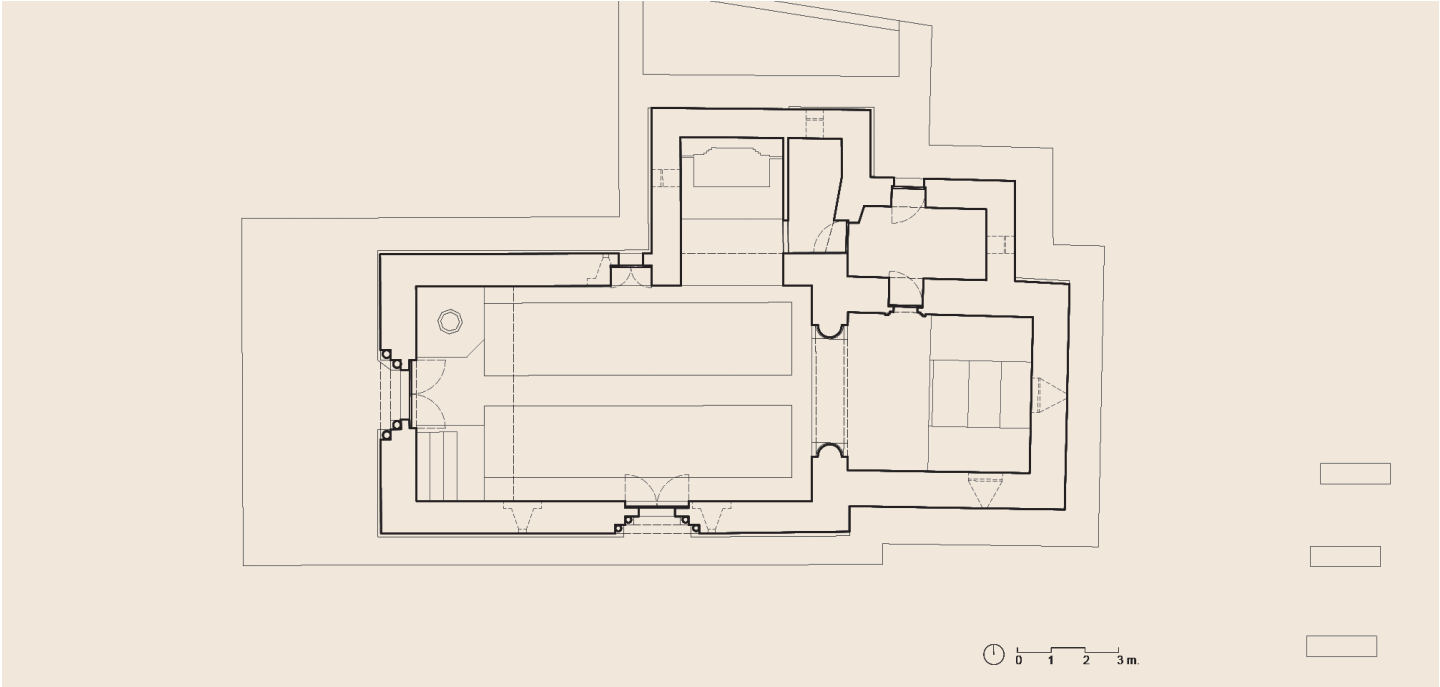


igreja da Gândara foi taxada em 200 libras, o valor mais elevado pago no contexto das igrejas da Terra de Penafiel, a par com a igreja de Lagares, taxada com o mesmo valor. O valor mais baixo era pago pela igreja da Portela (15 libras). Assinale-se que, neste mesmo território, destacavam-se os mosteiros de Paço de Sousa, taxado em 4 000 libras, e o de Bustelo em 1 000 libras.

A igreja de São Salvador da Cabeça Santa surge registada na listagem dos censos do Censual do Cabido do Porto, do século XIV. Segundo esta fonte, a referida igreja encontrava-se no arcediagado de Penafiel que pertencia ao chantre da sé.

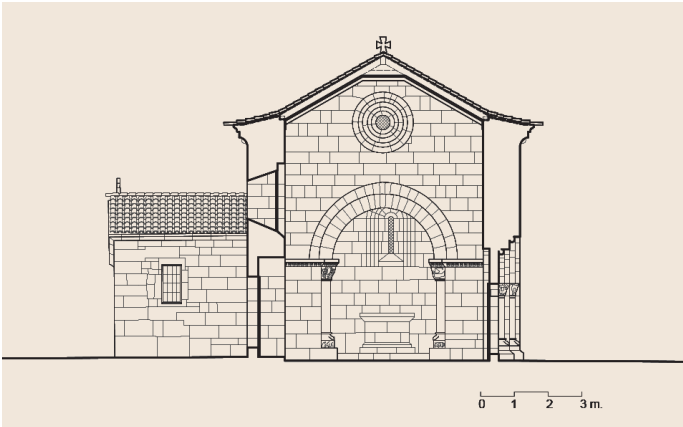
No século XV, a igreja era propriedade dos bispos do Porto. O bispo D. João de Azevedo (1465-1495) cedeu-a, cinco anos antes do seu falecimento, aos Cónegos Seculares de São João Evangelista, ou frades Loios. Porém, esta mesma doação só foi confirmada mais tarde, em 1519, pelo papa Leão X. O principal rendimento da igreja de São Salvador provinha dos avultados rendimentos dos romeiros que aí iam agradecer ou solicitar os milagres por intercessão da relíquia.

Segundo o Pe. Carvalho da Costa (1706), a relíquia da cabeça santa guardava-se no "altar collateral da mão direita em hum sacrario coberto com hum encaixe e contas de prata, que a segurão, mas bem se vê. Os Padres Loyos

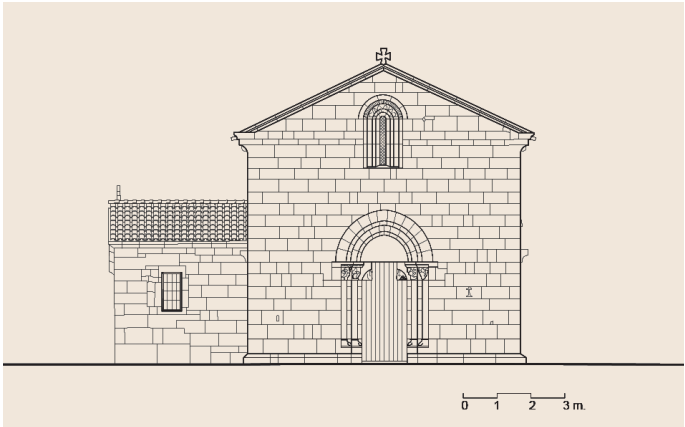


Planta

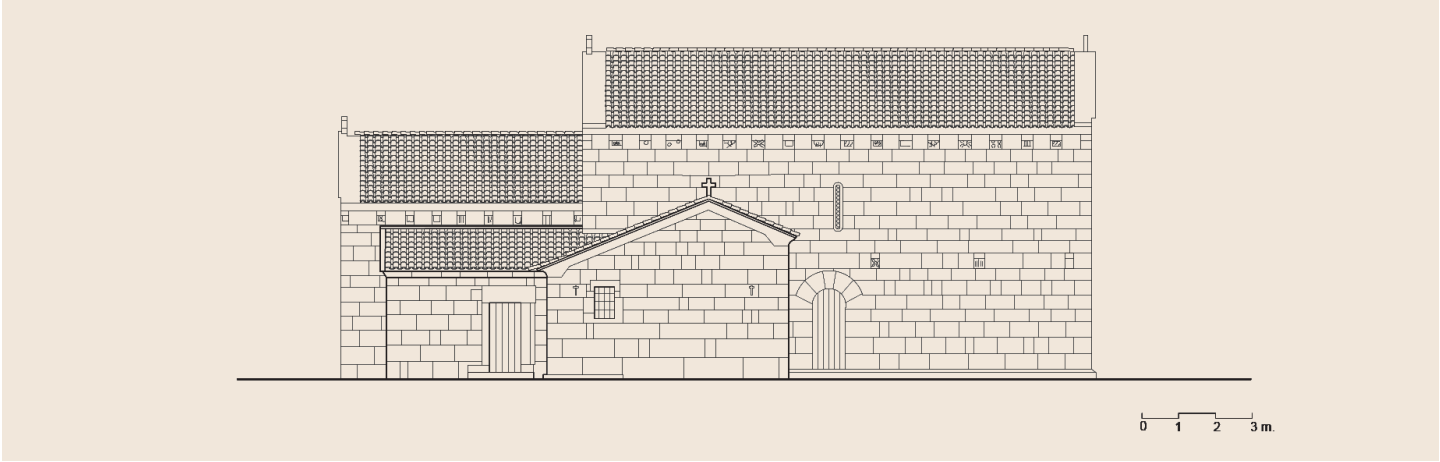
Corte transversal



Alçado oeste



Alçado norte



[...] a quizerão levar para o Porto mas o povo se inquietou de sorte que só parte lhe consentio". Em 1758, segundo as Memórias Paroquiais ainda se guardava na igreja a "sua santa reliquia antiquissima a qual dão o nome de Cabeça Santa, e que era de um "beato João" e há na igreja uma grande "romagem em vespóra e dia de São João Batista".

A igreja de Cabeça Santa tem sido alvo de particular atenção por parte da historiografia da arquitetura da época românica. Manuel Monteiro, autor que através da sua obra trouxe um novo entendimento sobre a arquitetura da época românica em Portugal, cedo procurou identificar nesta igreja uma ligação à igreja de São Martinho de Cedofeita, no Porto. Assim, este autor identifica em Cabeça Santa uma fiel reprodução de diversos elementos presentes na igreja portuense, embora simplificados, pelo que defende que um lapicida encarregado das inovações de Cedofeita, "ou outro nelas interferindo de perto, haja sido incumbido por D. Mafalda de levantar a igreja rural de Cabeça Santa". Contudo, o caráter mais modesto da igreja em estudo levou Manuel Monteiro a considerá-la como um "arremedo" do dito templo portuense. Ferreira de Almeida reconhece igualmente as influências de Cedofeita na igreja penafidense, sendo indiscutível a anterioridade da primeira, pelo que se deve falar na identidade de alguns canteiros nas duas oficinas. A semelhança apontada consubstancia-se ao nível dos toros diédricos e de alguns elementos decorativos, que adiante identificaremos.

A itinerância de artistas que pode ter ocorrido entre Cedofeita e Cabeça Santa pode ter contribuído para aquilo que Lúcia Rosas identifica como "a viagem das formas".

Não nos podemos esquecer que na época românica, a questão da itinerância dos artistas assume especial relevância. Por então os artífices iam-se deslocando de terra em terra, consoante as necessidades de mão-de-obra dos vários estaleiros. E como estes trabalhavam à jorna, ou seja, recebiam ao dia, tornava-se ainda mais fácil a sua itinerância. Daqui resulta uma outra questão e que se prende com a força de irradiação que determinados estaleiros românicos assumiram perante outros.

Além disso, a igreja do Salvador da Cabeça Santa integra-se nas igrejas românicas da bacia do Sousa e do Baixo Tâmega, edificadas já numa cronologia bastante tardia e geralmente substituindo edifícios anteriores. Devemos, pois, sublinhar que a igreja de Cabeça Santa constitui um recetor/transmissor das influências da região francesa de Limoges, disseminadas a partir do Porto, por um lado, e de Coimbra, assimiladas e depois disseminadas através dos monumentos portuenses, por outro. É na escultura planificada, talhada a bisel, característica nesta região, que encontramos os seus ecos.

Antes de passar à análise da igreja do Salvador da Cabeça Santa, devemos mencionar a publicação do Boletim da DGEMN que, em 1951, dá por finda a obra de restauro desta igreja. Informa-nos o autor do Boletim que a igreja chegara ao final do primeiro quartel do século XX "sem lesões irremediáveis, quer na sua estrutura geral, quer nos principais valores do seu todo arquitectónico". A intervenção, realizada entre 1936 e 1950 e coordenada pelos arquitetos Rogério de Azevedo e Joaquim Areal, ter-se-á centrado, portanto, na recuperação daquilo que



Alçado sul



Alçado sul. Portal



Portal ocidental

se entendia ser a sua fâcies medieval, ou seja, a sua aparência românica.

Se hoje vemos a igreja do Salvador de Cabeça Santa isolada no centro do adro que a circunda, tal se deve à opção tomada durante o restauro de se ter deslocado a torre sineira de planta quadrangular, edificada a norte e alinhada com a fachada principal, para o espaço fronteiro do adro, ficando assim isenta. Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, esta torre de cantaria era "bastante alta e groça", mas já se encontraria algo arruinada. As torres conferiam prestígio aos edifícios e aos seus possuidores, mas os sinos aí colocados serviam de alerta e chamada para a população local. Foi, pois, esta que, manifestando que a demolição da torre colidia com os seus interesses, levou a que os arquitetos optassem por esta solução de remonte da torre sineira. A intervenção de restauro deu, ainda, particular atenção ao interior da igreja. Apesar de prever igualmente a demolição da Capela de Nossa Senhora do Rosário, anexa à nave pelo lado norte, esta manteve-se por razões idênticas. Contudo, não podemos deixar de mencionar que a mesma intervenção optou por "desbarroquizar" o interior

da igreja, removendo o reboco e um painel de azulejos tipo-tapete seiscentistas que envolvia a referida capela, apeando o coro alto que existia sobre o portal principal e a grande sanefa em talha dourada que encimava o arco triunfal e, por fim, retirando outros elementos de uso devocional e litúrgico como o confessionário, os retábulos colaterais e o mor.

É, pois, esta igreja despojada que vemos hoje e que só podemos entender na sua totalidade atendendo a esta circunstância tão intervencionista. O interior da igreja seria profusamente colorido, já que a abundância da cor fazia parte da manifestação do sagrado, na Idade Média. A multiplicação dos altares é também um fenómeno devocional, consequência do número crescente de missas particulares e quotidianas ao longo dos séculos XII e XIII, onde eram colocados cálices, livros litúrgicos, relicários, imagens e cruzes. Este mesmo uso e gosto prolongou-se durante a época moderna, apesar da alteração litúrgica sentida após Trento e que se materializou no emprego de outros materiais e linguagens plásticas. As fotografias de Cabeça Santa anteriores ao restauro iniciado em 1936 comprovam-no.



Pormenor dos capitéis do portal ocidental

A igreja do Salvador de Cabeça Santa encontra-se orientada. Atendendo aos fatores acima referidos, a igreja foi seguramente edificada na primeira metade do século XIII. De pequenas dimensões, a sua planta compõe-se de nave única e cabeceira, ambas retangulares e com telhado de duas águas, a que corresponde cobertura em madeira no interior. Apesar do caráter tardio da fábrica de Cabeça Santa, esta igreja mostra ainda aquele gosto tão comum da época românica de edificar as absides respeitando a sacralidade interna do lugar, fechadas relativamente à nave. Assim, tal como é comum no românico, a diferenciação volumétrica é evidente em Cabeça Santa porque a cabeceira é mais estreita e mais baixa que a nave. A igreja foi edificada em aparelho pseudo-isódomo de granito, bem esquadriado. Também em granito, mas adotando um aparelho de talhe mais irregular, é a sacristia, corpo retangular com cobertura de uma água que se adossa à cabeceira, a norte, paralela a esta. Também deste lado, mas apresentando um desenvolvimento perpendicular, vemos a capela que a época moderna acrescentou à igreja de Cabeça Santa, testemunhando como as devoções particulares se mantêm ao longo dos tempos. O restauro preservou esta capela de Nossa Senhora do Rosário como também se ocupou da conservação da sua talha dourada, azulejos e peças em pau preto. O contraste artístico deste elemento com a igreja e cabeceira é por demais evidente.

A parede fundeira da abside, voltada a este, surge apenas rasgada por uma muito estreita fresta que alarga na espessura do muro, para o interior. Do lado sul vemos fresta idêntica, reposta durante as obras de restauro em substituição de um janelão retangular, amplo, com sua grade. Foi seguramente rasgado durante a época moderna para trazer mais luz à abside a partir de sul. De notar a qualidade da esquadria dos silhares que envolvem a fresta, também eles obra do restauro da década de 1940. Além disso, devemos referir que as fotografias publicadas no Boletim da DGEMN,



anteriores ao restauro, revelam que a igreja do Salvador de Cabeça Santa era caiada de branco, persistindo vestígios de cal entre os cachorros e ao nível das juntas. Lúcia Rosas nota bem que na época tardi-medieval a cal é constantemente referida na documentação. Esta, diz-nos a autora, cobriria muitas vezes as paredes das igrejas, assim como a própria escultura arquitetónica, porque é branca, luminosa, profilática e porque protege os materiais da construção.

A cornija da abside é sustentada por um conjunto de cachorros. Apesar da maioritariamente lisos, alguns deles decoram-se com motivos geométricos como rolos, caneluras ou cilindros.

A nave, por ser mais elevada, acolhe na parede este um óculo que se rasgou sobre o arco triunfal. O seu alçado voltado a sul permite uma observação isenta de obstáculos visuais. A meia altura do paramento persiste lacrimal destinado a escoamento de águas pluviais, apenas interrompido por estreita fresta, de configuração idêntica às da cabeceira. Sob o lacrimal conservam-se mísulas que suportavam uma estrutura alpendrada e que protegia os fregueses no seu acesso ao portal sul.

É neste portal que se tem procurado encontrar uma composição idêntica ao seu equivalente na igreja de Cedofeita do Porto. Profundo, rasga-se na espessura do muro. Formam-no duas arquivoltas marcadas por toros diédricos e que assentam em capitéis sem imposta, afirmando, portanto, a influência do românico da região do Porto de claro sabor limosino. As colunas têm fuste liso. A qualidade do conjunto afirma-se pela sua boa qualidade estrutural. O tímpano é liso e assenta sobre mísulas, também sem ornamentação. Já os capitéis apresentam motivos escultóricos mais relevados que esculpidos, presos ao cesto. Ajustando-se ao quadro vemos figuras fantásticas cuja cabeça se une na esquina do capitel e, no exterior do lado este, parte de um corpo, que poderá ser humano, a contorcer-se, como se fosse um acrobata. O conjunto é

envolvido por arco que se apoia diretamente sobre os pés direitos do muro. Os cachorros que sustentam a cornija apresentam uma maior variedade de motivos decorativos, todos eles de caráter geometrizzante: esferas, bisantes, asnas, rolos ou cilindros.

A leitura do alçado norte tem que atentar à presença dos corpos da sacristia e da capela da época moderna, consagrada a Nossa Senhora do Rosário. Não obstante, na abside ainda se aprecia um conjunto de cachorros, usando um reportório de motivos semelhante ao dos cachorros do lado sul. Também na nave os encontramos. Apesar do seu alçado não ter lacrimal, mostra ainda a presença de mísulas para proteção do portal que se rasga no muro. Este caracteriza-se pela simplicidade das formas, sendo apenas composto por arco de volta perfeita inscrito no alçado e apoiado pelos pés direitos. Questionamos se a construção da capela que se ergueu junto a este durante a época moderna não terá conduzido a um arranjo do mesmo. Certo é que estava entaipado e que durante as intervenções de restauro da década de 1930 se voltou a permitir o acesso ao interior da igreja a partir dele. Sobre o portal persiste uma estreita fresta, em tudo semelhante às já descritas.

A fachada oeste é marcada pela presença do portal principal e pela fresta que, ao contrário das outras existentes nesta igreja, se alarga para o exterior. Ferreira de Almeida enfatizou as influências portuenses presentes neste

portal. A sua estrutura é idêntica à do lateral sul: profundo, rasga-se na estrutura do muro. Definido por duas arquivoltas com toros diédricos, assentes sobre colunas de fuste liso, os seus capitéis apresentam, no entanto, imposta que se prolonga pelo alçado oeste. Os capitéis deste portal têm chamado a atenção de diversos autores quer pela sua qualidade plástica, cujos motivos são tratados ao modo de baixo-relevo, quer pela sua variedade temática. Além da presença de aves afrontadas, cuja cabeça se une ou se entrelaça na esquina do capitel, num deles vemos a representação de uma figura humana deitada e agarrada pela boca de um animal. Segundo Lúcia Rosas, este capitel reporta-nos ao tema do homem aprisionado pelo pecado. Além disso, devemos notar o caráter mais fruste do seu talhe quando comparado com os restantes. Bem sabemos que a representação da figura humana não é comum ao românico português e a forma como aqui é representada convoca a questão do caráter autóctone da sua conceção. O tímpano é liso, mas assenta sobre mísulas onde se representaram cabeças de bovídeos que se identificam facilmente, apesar de algum desgaste.

O interior da igreja é marcado pela presença do granito nos paramentos da nave e da abside. Nesta última destaca-se a fresta da parede testeira, que alarga para o interior. Tal como as outras frestas, foi nobilitada com toro diédrico que se estende até à sua base.



Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental



Interior. Arco
triumfal. Capitéis

Digno de nota é o arco triunfal. De configuração robusta, tem uma só arquivolta, lisa e bastante baixa, criando um ambiente mais intimista à capela-mor. As colunas que o sustentam são igualmente baixas, com fustes de tambores, e lisas. São os capitéis que mais notoriedade dão ao conjunto. Muito semelhantes aos de São Martinho de Cedofeita (Porto), são decorados com motivos vegetalistas e cordiformes estilizados e pouco relevados. Na imposta vemos o motivo das heras estilizadas.

A nave é marcada pelo aparelho de granito de boa qualidade, obra do restauro da responsabilidade da DGEMN.

Glosada pela historiografia pelas semelhanças que apresenta com a igreja de São Martinho de Cedofeita, a igreja de Cabeça Santa destaca-se pelo facto de ter chegado relativamente bem conservada aos nossos dias, a confiar no discurso do autor do Boletim que a ela se dedica em 1951. Apesar do formulário decorativo que apresenta, bem como dos seus elementos estruturais, ser comum a um número significativo de igrejas da região, a igreja do Salvador de Cabeça Santa destaca-se por constituir mais um testemunho de como os modelos (ou os artistas) circulam entre estaleiros, propagando assim as formas e ajustando-as às várias escalas que o românico concebeu e interpretando-as com um carácter que se assume, cada vez mais, como de sabor mais local.

À igreja do Salvador está associada uma relíquia da Cabeça Santa, um pequeno crânio de criança coberto com um encaixe e cintas de pratas. Esta mesma relíquia foi roubada do interior da igreja durante o verão de 1981, estando desaparecida desde então.

A igreja da Gândara, também conhecida como igreja do Salvador de Cabeça Santa, foi decretada Monumento Nacional em outubro de 1927. Desde 2003, integra a Rota do Românico do Vale do Sousa.

Texto: MLB/JL - Fotos: MF/MS/RR/MLB/SVS
Planos: GM/MF/MS (sobre SIPA-DGPC/MM)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, p. 205; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 95; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 121; BARROCA, M.J., 1987, p. 166; BARROS, J., 2019, p. 348; BOISSELIER, S., 2012, p. 132; BOTELHO, M.L., 2013b, pp. 458-469 e 539-546; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, p. 575; COSTA, A., 1929-49, IV, pp. 46-47; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 389; DGEMN, 1951, pp. 5-15; FONTES, L. e CATALÃO, S., 2008, pp. 258-263; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 521-522; MONTEIRO, M., 1952, pp. 5-7; PMH, INQ., 1288-91, p. 63; PORTAL DO ARQUEÓLOGO; ROSAS, L.M.C., 2008, pp. 140-151; SANTOS, M.J.M.C.F., 2004, p. 118; SIPA; TOMÉ, M., 1998, II, pp. 160-166.